

Desmatamento, erosão e ação das ondas provocadas pela navegação frenética dissolvem o solo às margens do rio

Barcos aceleram corrosão de barrancos

Em vários pontos ao longo do rio, processo de desbarrancamento é visível. Nem mesmo a barreira de pedra em frente à aldeia de Aruanã está resistindo

MARCIO FERNANDES

de Aruanã

A areia que forma a praia é a mesma que está destruindo o Rio Araguaia. O sedimento e a água parecem harmônicos, integrantes da mesma paisagem, como se um tivesse nascido para o outro. Mas quando avaliados os danos ambientais causados pelo processo constante de assoreamento do Araguaia, a conclusão é outra. A areia, apesar de branca, fina e paradisíaca é completamente estéril. Já água significa a vida e a razão da existência do grande rio. Na equação dos dois componentes do Araguaia, a primeira expande-se sem controle, enquanto a segunda perde volume a cada ano.

O geógrafo Marcos Martins Borges, 34 anos, realizou estudos do processo de assoreamento do Araguaia, defendeu tese de mestrado na Universidade Americana de Wyoming e concluiu que o avanço da areia sobre as águas é um processo natural, em virtude da composição dos solos. Mas suas pesquisas apontaram que há dois grandes vilões na história. O desmatamento e as erosões nas nascentes estão acelerando o assoreamento do rio. Outra conclusão do geógrafo foi que a navegação frenética de embarcações de toda espécie na temporada contribui para o desbarranqueamento do Araguaia.

Solo derretido

O processo de corrosão do barranco é visível ao longo dos 20 quilômetros abaixo e acima de Aruanã, onde a mata ciliar está bastante prejudicada. Sem a vegetação densa e alta que caracteriza



Proteção de pedra e concreto em frente a aldeia dos índios carajás, em Aruanã, foi carcomida pela água do canal. Prefeitura pediu recursos em Brasília para contenção do barranco

a região, explica o geógrafo, a dissolução começa na parte inferior do barranco, cuja composição básica é de areia, e vai "comendo o solo" até que todo sedimento venha por água abaixo. As frondosas árvores que remanescem no barranco são tragadas inteiras pelo rio, já que na falta do solo elas tombam com todas as raízes. Até mesmo o rústico e imponente jatobá vira uma galhada seca caída nas margens do grande rio.

Próximo ao Travessão de Aruanã, onde a balsa atravessa para o Mato Grosso, o processo de desbarranqueamento pode ser assistido a qualquer hora do dia.

Os sedimentos soltam-se em dezenas de quilos e provocam grande barulho com o impacto na água. Para chegar a esse ponto, o assoreamento constante opera semelhante a um medicamento efervescente dissolvendo em um copo d'água. O processo é gradual e o resultado são toneladas de areia acumuladas nas margens. Outro ponto de acelerada corrosão dos barrancos em Aruanã fica em frente à Praia do Macaco e estende-se, no sentido sul, por alguns quilômetros. Nas regiões onde as pastagens chegam até a borda do rio o processo é o mesmo. O solo é derretido e o ca-

pim dobra-se sobre o rio.

A composição arenosa do terreno do Vale do Araguaia não resiste nem à intervenção dos barramentos de pedra e de concreto existentes no Porto de Aruanã. A pequena faixa de proteção do barranco onco está localizada a aldeia carajá foi levada pelas águas. Exposto ao movimento do canal, o barranco vai sendo carcomido pelo tempo e precisa de urgente reconstrução. O prefeito de Aruanã, Edenésio Nunes, afirma que já encaminhou a Brasília pedido de verbas para realizar a obra de engenharia.

A Promotoria Ecológica Móvel acompanhou o percurso realizado

pela reportagem de O POPULAR e os promotores Wilson Nunes Lúcio e João Teles de Moura Neto observaram que é preciso acelerar a elaboração do Plano Diretor da Bacia do Rio Araguaia para que sejam identificados os pontos mais críticos de desmatamento. A lei prescreve que na região de reserva de mata ciliar deve ser respeitada faixa de 500 metros ao longo do rio. Em Aruanã isso é raro, já que o comum é a desproteção total dos barranco e, quando muito, a presença de faixas ralas de vegetação.

Os estudos de Marcos Martins Borges devem, ainda, ser comple-

mentados com novas pesquisas para mensurar qual o real impacto que o movimento dos barcos causa em todo o processo de assoreamento. "Ainda não temos elementos suficientes para precisar qual a significância do dano ambiental, mas sabemos que o problema é sério e, infelizmente, não causou preocupação entre as autoridades ambientalistas" pondera. Enquanto as marolas dos barcos formam ondas em direção dos barrancos, forçando a decomposição do solo, em silêncio a água e a areia competem em pé de desigualdade por espaço ao longo do Araguaia.

INSTITUTO

Acervo ISA

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: O Popular (90)

Data: 18/2/1998 Pg.

Class: Aruanã - Corrosão

214

Documentação